

Montanhismo em Portugal

“Sem que me afliesse a ideia de perder os direitos de prioridade, aguardei este momento para que o nosso Club Alpino Portuguez – assim seja denominado – fosse fundado como foi o Club dos Pyreneus, em plena serra, ao ar livre, no próprio ambiente para que deve existir.”

Duarte Rodrigues



20

A atracção do Homem pelas montanhas remonta à sua própria origem e naquele que viria a ser o território de Portugal tal não foi excepção. Aliás as baixas e médias altitudes desde cedo permitiram a exploração dos mais remotos locais e a fixação de núcleos populacionais no interior das serranias. A vivência das altas paragens foi, no entanto, efectuada fundamentalmente por motivos de subsistência, ligados à pastorícia ou outras actividades, e não por objectivos de “conquista do inútil”. A montanha era palco de acção de montanhese e não de montanhista.

É contudo de destacar, pelo seu singular significado e relativo desconhecimento, as aventuras além-fronteiras dos portugueses, na primeira metade do século XVII. Os jesuítas portugueses António de Andrade, Manuel Marques e, posteriormente, Gonçalo de Sousa terão sido os primeiros europeus a adentrar-se na cordilheira dos Himalaias: o “descobrimento do Grão-Catalo

e reinos de Tibete”. Disso nos dá notícia António de Andrade em três cartas: a primeira datada de 1624, a segunda de 1626 e a terceira de 1627. É de destacar o facto de terem passado o colo de Mana a 5604 metros de altitude. Não se deve também ignorar as expedições de Estêvão Cacela (1627) e de Francisco de Azevedo (1631) que, em ambos os casos, ultrapassaram novamente os cinco mil metros de altitude.

Origens (1870-1920): os pioneiros do montanhismo

A prática de montanhismo em Portugal remonta, contudo, aos finais do século XIX inícios do século XX e está associada a Gomes Teixeira, Emídio Navarro, Sousa Martins, entre outros pioneiros. O papel desempenhado pela *Expedição Científica à Serra da Estrela*, de 1881, foi marcante para a implementação e desenvolvimento da actividade. O Cântaro Magro foi esca-

lado, durante essa expedição organizada pela Sociedade Geográfica de Lisboa, por Alfredo Serrano e outros companheiros. Aliás, a montanha já tinha sido escalada anteriormente. A obra *Quatro Dias na Serra da Estrela* de Emídio Navarro, editada em 1884, surge como resultado imediato da forte dinâmica imposta pela dita expedição e constitui um excelente exemplo do espírito que se vivia nos alvares do montanhismo em Portugal.

Apesar das viagens do matemático Francisco Gomes Teixeira terem sido publicadas somente em 1926 ocorreram no final do século XIX, mais precisamente na segunda metade da década de 70. O livro *Santuários de Montanha – Impressões de Viagens*, não sendo o primeiro publicado em Portugal sobre montanhismo, é sem dúvida um marco maior da bibliografia de montanha em Portugal.

Em 1912 já se falava, em *Aos Montes Herminios – Impressões de uma viagem de exploração desportiva na Serra da Estrela organizada pela revista “Tiro e Sport”* de Duarte Rodrigues, na criação do “Club Alpino Portuguez”. No entanto, considera-se que o montanhismo organizado só viria a surgir duas décadas mais tarde.

Época clássica (1920-1970): o montanhismo organizado

A prática de montanhismo em Portugal nunca parou e o número de adeptos foi crescendo paulatinamente. A comprová-lo temos, entre outros exemplos, Jorge Santos que, na década de 1920, escalou o Alto da Pena (em Vila Nova de Cerveira). O “Diabo das Fragas”, como ficou conhecido, pelo papel destacado que desempenhou no desenvolvimento do montanhismo, durante várias décadas, pode ser considerado o pai da “modalidade” em Portugal.

A primeira associação que se dedicou à prática de montanhismo terá sido o grupo portuense Os Serranos (1920/22), seguiu-se o GEAL – Grupo Excursionista de Ar Livre (1932) e a TAC – Tribu Alpino Campista (1937). A vertente da escalada no seio do montanhismo começou a ganhar força no TAC sob os

auspícios de Jorge Santos. Nos anos 30 já se escalava em Anamão (Castro Laboreiro), Fragas da Ermida (Serra do Marão), Pé do Cabril (Gerês), Fragas do Diabo (Valongo), *etc.*. Jorge Santos pertenceu também ao grupo que fundou o Clube Nacional de Montanhismo (CNM), em 1943, juntamente com Pereira da Costa, José Cardoso, Amândio Silva, Vicente Russo, entre outros.

Em 1947 dois técnicos do Clube Alpino Francês (CAF) vieram ministrar um curso a membros do CNM de onde saíram os primeiros "monitores" portugueses: os, então, designados "Guias Montanheiros". Estes, unidos sob o lema "Onde não formos não irá ninguém", constituíram o primeiro núcleo de formadores.

Uma segunda vaga, de que fizeram parte Fernando Teixeira, Manuel Mendonça, António Jorge, Rogério Caldeira, entre outros, veio engrossar o número de associados que dinamizaram actividades de forma constante até meados dos anos 60. Depois a dinâmica do

clube decaiu, por diversas razões, apesar de existirem sempre "carolas" a manter a vida associativa: Eugénio Monteiro, Egipto Gonçalves, Augusto Azevedo, *etc.*

Será também de destacar o surgimento de praticantes noutras regiões do país. Jorge Monteiro, de Coimbra, que escalava sobretudo nas serras da Estrela e do Marão: em 1953 abriu a via central no Cântaro Magro. Ou o médico Rui Silva que efectuou inúmeras escaladas na ilha da Madeira. Mas o CNM, também designado "Clube Alpino Português", foi, sem dúvida, durante mais de meio século, o representante e principal impulsionador da modalidade no nosso País. Dirigiu e representou o montanhismo até Agosto de 1991, data em que a Direcção-Geral dos Desportos passou essas competências para a, então, Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo (FPCC), a actual Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP).



Época moderna (1970-2009): a consolidação e a diversificação

A Mocidade Portuguesa desenvolveu, a partir de 1970, actividades na área do montanhismo, nomeadamente acções de formação de escalada, através das BECs – Brigadas Especiais de Campo. Muitas das pessoas ligadas a essa polémica entidade passaram, em 1972, para o Secretariado da Juventude do Ministério da Educação. Algumas tiveram a sorte de participar no curso de monitores dado por um dos melhores guias de alta montanha de então: Alphonse Darbelay.

Nos anos 70 o CNM norte revitalizou-se. O Parque de Campismo da Árvore, aberto em 1972, permitiu um aumento do número de sócios acompanhado da desejada consolidação financeira. Paralelamente António Jorge transmitiu a sua experiência e entusiasmo, na área do montanhismo, a um promissor conjunto de jovens: Pedro Pacheco, José Alberto Teixeira, Félix Alberto Barbosa, etc.

O CNM Sul, sediado em Lisboa, também começou, nos anos 70, a desenvolver actividades com alguma frequência e qualidade. Destacou-se igualmente, na primeira metade da década de 70, o Secretariado para a Juventude. Entre os montanhistas lisboetas dessa época destacam-se Paulo Hagendorn Alves, Vasco Consiglieri Pedroso, Carlos Teixeira, Jorge Matos, José Pedro Lopes (Brote), Rogério Morais, José Luís Carvalho, entre outros. Muitos deles têm efectuado uma prática continuada e permanecem activos entusiastas até hoje.

Os anos 70 presenciaram as primeiras escaladas e ascensões tecnicamente difíceis levadas a cabo por portugueses nos Alpes. A década de 80 solidificou essa tendência e caracterizou-se paralelamente pelo aumento significativo do número de praticantes e de clubes: Clube de Montanhismo da Guarda (CMG), Grupo de Montanhismo de Vila Real (GMVR), Grupo de Montanhismo de Faro (GMF), Clube de Montanhismo de Setúbal (CMS), etc. Mas também havia praticantes que realizavam actividades à margem dos clubes.

Na década de 90 e primeiros anos do século XXI assiste-se à generalização das ascensões em altas altitudes: Monte Quénia (5199 m), Quilimanjaro (5895 m), Ruwenzori (5109 m), Elbrus (5642



© Carlos Teixeira

m), Ararat (5165 m), Damavand (5671 m), Aconcagua (6962 m), etc. A primeira ascensão de um português acima dos sete mil metros – Pico Korženevskaa (7105 m) – foi levada a cabo, em 1990, por Gonçalo Velez. Este alpinista seria também o primeiro português a coroar um oito mil em 1991: o Anapurna (8091 m). Gonçalo Velez ascendeu o Cho Oyu (8201 m), em 1997, tentou o Shisha Pangma (8012 m), em 1999, bem como o Lhotse (8516 m), em 2000, e atingiu o cume do Kangchenjunga (8586 m), em 2001. O alpinista Pedro Pacheco tentou o Everest em 1992 e 1994.

João Garcia também empreende duas tentativas no “Tecto do Mundo” em 1997 e 1998. Viria a tornar-se o mais famoso alpinista português ao atingir o cume do Everest em 1999. Uma experiência marcante, contada no livro *A Mais Alta Solidão* (2002), que causou graves lesões em João Garcia e custou a vida do seu companheiro Pascal Debrouwer. No entanto, Garcia já tinha atingido cumes acima dos oito mil metros anteriormente: o Cho Oyu (8201 m), em 1993, e o Dhaulagiri (8167 m), em 1994. Garcia também tentou o Nanga Parbat (8125 m) em 1996. Depois de um período de convalescência, João Garcia voltou às grandes altitudes para conquistar o Gasherbrum II (8053 m) em 1999 e

concretizou o velho sonho de ascender o MacKinley (6194 m) em 2002. A primeira expedição portuguesa a um “sete mil”, nos Himalaias, liderada por João Garcia, colocou, em Maio de 2003, quatro portugueses no cume do Pumori (7120 m).

Umhas notas sobre a história do montanhismo em Portugal, mesmo que breves, ficariam certamente incompletas se não fossem mencionadas a abertura da via Quinto Império (8a) na face oeste do Naranjo de Bulnes (Picos da Europa), em 1996, por Sérgio Martins e Francisco Ataíde, ou a escalada do esporão Walker (Maciço do Monte Branco), em 2001, por Paulo Roxo e Nuno Soares (Larau).

O ano de 2006 foi, sem dúvida, um ano excepcional para o alpinismo nacional. Até aí somente dois portugueses tinham ascendido montanhas com mais de 8000 metros, Gonçalo Velez e João Garcia, a que se juntou Daniela Teixeira, Rui Rosado e Bruno Carvalho. Mas também foi um ano ensombrado pela tragédia do Shisha. O alpinista Bruno Carvalho faleceu depois de ter “feito” cume. Nessa expedição, João Garcia e Rui Rosado, tal como o *sberpa* Nuro, também atingiram o cume do Shisha Pangma.

Daniela Teixeira tornou-se, em 2004, a primeira portuguesa a ascender uma montanha com mais de sete mil metros de altitude: o Pico Korženevskaa (7105 m), no Pamir. E, em 2006, foi a primeira a subir uma montanha com mais de oito mil metros: o Cho Oyu (8021 m), no Tibete.

A Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP) tutela o montanhismo desde 1991 até hoje. O Secretariado Nacional de Actividades de Montanha (SNAM), o herdeiro da Comissão de Actividades de Montanha, que surgiu em 1979 no seio da FPCC, veio dar origem à actual Escola Nacional de Montanhismo (ENM). O ano de 2002 testemunhou a criação da Federação Portuguesa de Montanhismo e Escalada (FPME). Portugal pertence à União Internacional das Associações de Alpinismo (UIAA), desde 1955, e actualmente conta com três representantes: a FCMP, a FPME e o CNM.

Pedro Cuiça

(adaptado de Guia de Montanha
– Manual Técnico de Montanhismo)